

# A conversão interessa aos bancos. Mas sem deságio.

Se o governo brasileiro abrir mão dos deságios, grandes bancos credores norte-americanos devem realizar vultosas conversões da dívida externa, para investir em empresas aqui instaladas. Quem garante é William Dorson, diretor de Finanças do Banco Chase Manhattan, que não apenas está interessado em transações desse tipo, como já iniciou a conversão de US\$ 200 milhões (Cz\$ 27,6 bilhões), a serem aplicados na holdin Autolatina. Ao acrescentar que o processo deve estar concluído até o próximo dia 31 de julho, ele informa que este pode ser o maior negócio em conversão de dívida já realizado no mundo.

Em entrevista ao *Jornal da Tarde*, Dorson revela que as negociações entre o comitê consultivo formado em Nova York pelo Chase e mais 13 bancos credores chegaram a um impasse, justamente porque o governo brasileiro insiste nos deságios. Uma exigência que os credores rejeitam. "Se nós nos propomos a entregar dólares de uma dívida, queremos vê-los trocados em cruzados pelo câmbio correspondente" — frisa o diretor do Chase.

O próprio Chase já está na mira de outras empresas instaladas no Brasil, ligadas ao setor petroquímico e de papel, para a aplicação de mais recursos através da conversão. William Dorson não revela, entretanto, quais seriam as próximas empresas a terem o Chase Manhattan como sócio.

Até o dia 21 de julho do ano passado, quem quisesse fazer uma conversão simplesmente comunicava ao Banco Central e trocava os títulos da dívida externa brasileira por cruzados, ao câmbio oficial do dia. Foi dessa forma que a Autolatina fechou negócio com o Chase. A partir daquela data, porém, o detentor de um certificado de dívida brasileira que queira realizar a conversão deve participar de leilão nas Bolsas de Valores. Onde ganha quem oferece maior o desconto ao BC.

Para William Dorson, os leilões têm tomado rumo satisfatório. O deságio, que hoje oscila em torno de 32%, deverá ser reduzido, segundo suas previsões, pelo impulso do próprio mercado. Ele insiste, porém, que nos negócios de conversão que o banco que representa pretende realizar não está previsto o deságio.

Com os recursos gerados pela conversão, via Chase, a Volkswagen e a Ford, da Autolatina, vão modernizar suas instalações e ampliar a plataforma de exportações. Em troca, oferecem ao Chase ações da companhia. William Dorson não revela os resultados previstos pelo banco na conversão. "Temos números, mas são confidenciais" — completa o representante de um banco interessado especialmente em converter parte do dinheiro que deveria receber do Brasil em aplicações em empresas com grande potencialidade de exportação.

Pelo raciocínio de William Dorson, as poucas probabilidades de o Brasil saldar sua dívida levam a crer no interesse cada vez maior pela conversão. "Não vejo o Brasil pagando o principal da dívida" — observa o diretor do Chase.

Os credores estão conscientes de que a conversão pode representar um risco, principalmente em um país de tantas oscilações na política econômica. Mas como as chances de rever esses mesmos recursos também são escassas no âmbito do saldo da dívida, é fácil concluir que na lógica do risco pelo risco a conversão torna-se interessante: "Mesmo que o Brasil nos devolvesse a curto prazo, por exemplo US\$ 100 milhões (Cz\$ 13,8 bilhões), eu estaria simplesmente recuperando esses US\$ 100 milhões. Se eu participo da conversão investindo em empresas, posso restituir até US\$ 200 milhões" — completa Dorson. A dívida do Brasil com o Chase Manhattan Bank chega a US\$ 2 bilhões (Cz\$ 276 bilhões).

**Marli Olmos(AE)ABC.**